

# Falcão: ressemantização, sedimentação e significação da lexia no vocabulário do tráfico

S. C. Generali; A. P. Bezerra; L. P. Corrêa

*Núcleo de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil.*

---

O presente artigo visa aplicar o modelo de Eni Orlandi em relação ao sujeito na Análise do Discurso, por meio da análise da lexia “falcão”, inserida no contexto do documentário *Falcão, meninos do tráfico* (2006). Assim, torna-se necessário o embasamento teórico quanto à lexicologia, terminologia e sujeito do discurso, a fim de verificar, no *corpus*, em questão, se o significado da lexia é recuperado ou ressemantizado por esta comunidade, que tem sua identidade marcada no léxico, bem como as relações de poder envolvidas neste processo.

Palavras chave: falcão, sujeito, lexicologia.

This article aims to apply the Eni Orlandi model relating it to the individuals in the Discourse Analysis, through the analysis of the selected word “falcão”, inserted in the *Falcão, meninos do tráfico* (2006) documentary context. Thus, a study about lexicology, terminology and individuals becomes necessary, in order to verify, in this *corpus*, if the word’s signification is recovered or if it is resemantized by this community, which can show its own identity by the lexico and by the power relations as well.

Key words: falcão, individuals, lexicology.

---

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de mudanças nas línguas aparentava ser vagaroso, até o momento em que se aceitou o fato de os usuários irem além da Norma Culta dos idiomas. Os linguistas passaram a considerar que as mudanças não se firmam apenas no papel (gramática), mas também no dia a dia em que a língua é empregada por meio da fala. A língua “funciona como uma máquina de produzir sentido, em virtude de sua própria estrutura. E aqui estamos no âmago do problema. A língua permite a produção indefinida de mensagens em variedades ilimitadas” (BENVENISTE, 1989, p. 99). E isto acontece porque ela não é utilizada apenas dentro das propriedades sintagmáticas; esta “máquina”, com auxílio da semântica, tem a capacidade de atingir os usuários de maneira mais profunda, exigindo o uso da cognição individual, para que o outro interprete uma mensagem que ultrapassa a significação literal.

Quando estudada em agrupamentos sociais, seja por divisão geográfica, de sexo, raça etc., observa-se na língua a singularidade no emprego de alguns termos, os quais pertencem ao léxico comum que, entretanto, sofreram processo de ressemantização e consequente sedimentação do novo sentido, a fim de atender às exigências de comunicação do determinado grupo.

Agora – com os olhares voltados para a Análise do Discurso –, tem-se a impressão de que o sujeito deste discurso recebe autonomia para a realização de tais modificações, mesmo que esta autonomia não seja individual, mas do grupo. Mais analiticamente, Eni Orlandi coloca que esta liberdade não existe, já que o sujeito é um ser social, submetido a uma ideologia que está acima de quaisquer vontades e intenções. Ou seja, mesmo que imperceptivelmente, a renovação de uma lexia não é determinada pela própria atividade do sujeito, mas pela submissão à ideologia em que ele está inserido, a fim de atender às expectativas, exigências e anseios por ela imposta.

As palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra, pois muda sua relação com a formação ideológica. Por exemplo: o sentido da palavra “abertura” é diferente para os que estão no poder e para a “oposição”. Além das intenções, contam, portanto, as convenções, havendo uma relação necessária do dizer com a ideologia. O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual. A forma dessa apropriação é social. Nela está refletido o modo como o sujeito o fez, ou seja, sua interpelação pela ideologia. O sujeito que produz linguagem também

está reproduzido nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando, na realidade, retoma sentidos preexistentes. A isso chamamos “ilusão discursiva do sujeito” (Pêcheux & Fuchs, 1975). (ORLANDI, 1988, p. 19)

É justamente esta ilusão que faz com que a ideologia dominante (se é que se pode dizer que existe o oposto: uma ideologia dominada) continue a existir, mantendo-se viva. Para que ela continue em funcionamento, precisa estimular seus sujeitos a manter o mesmo mecanismo de produção, fazendo-os acreditar que eles não são assujeitados.

No presente artigo, o qual visa trabalhar com a questão do sujeito na Análise do Discurso, por meio do estudo de uma lexia sedimentada em um determinado agrupamento social, o objeto a ser desconstruído é a lexia *falcão*, empregada no contexto exposto no documentário *Falcão, meninos do tráfico* (2006), *corpus* aqui utilizado. Como se verá a seguir, a atividade dos *falcões* demonstra a submissão nas relações de poderes, seja em relação a seus superiores dentro do próprio tráfico de drogas, como também ao Estado, que se utiliza de seu poderio militar para combater esta ação, determinada judicialmente como crime.

Eni Orlandi afirma que o indivíduo interpelado pela ideologia, como é o *falcão*, apesar de estar submetido a ela, por vezes, lança a impressão de quebra desta relação. Entretanto, a autora, em uma interpretação de Pêcheux, expõe que isto ocorre apenas utopicamente, como forma de conservação do funcionamento da própria ideologia:

Gostaríamos de lembrar que, em termos de funcionamento ideológico, o fato de se considerar como fonte do que diz é, segundo Pêcheux (1975), uma ilusão necessária do falante. Quer dizer, é pelo funcionamento da ideologia que ele assim se “vê”, quando na realidade seu discurso não nasce (nem termina) nele. (ORLANDI, 1988, p. 81)

Faz-se necessário agora, portanto, conhecer a realidade do indivíduo analisado, pois a compreensão do contexto no qual ele está inserido pode conceder diversos exemplos de assujeitamento ou não, para que se possa ratificar o desconstruir as concepções sobre o posicionamento social do *falcão*.

## 2 O FALCÃO EM SEU CONTEXTO

O documentário *Falcão, meninos do tráfico* (2006) é decorrente de um projeto iniciado em 1998, o qual surgiu a partir dos resultados obtidos com a música *Soldado do Morro*, do rapper MV Bill. Esta é uma canção que retrata a história de um menino que atua como uma espécie de vigia da favela, a serviço do tráfico de drogas, atividade designada aos *falcões*. *Soldado do Morro* narra as mazelas do dia a dia da favela e conta sobre o desejo deste indivíduo de ter uma vida diferente. Tal relato mobilizou centenas de fãs nos shows que, segundo Bill, cantavam tão alto que a voz da multidão sobrepunha a dele, mesmo com o microfone. Notando que aquela era uma realidade de muitos que iam às suas apresentações, o rapper enxergou a importância daquele texto cantado e, em parceria com Celso Athayde, decidiu produzir um videoclipe sem encenação, apenas com imagens reais. “Embarcamos nesta primeira viagem sem saber que ela resultaria em oito anos submersos dentro deste universo” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>1</sup>.

MV Bill ganhou apoio no meio artístico para dar continuidade ao projeto para relatar o que realmente fazem os *falcões*, por meio de uma produção fílmica mais aprofundada. Em parceria com o documentarista Celso Athayde, ambos passaram a percorrer diversas favelas pelo território nacional, onde encontraram uma realidade muito parecida com a do Rio de Janeiro: “Acabava modificando o material bélico, o tipo de arma, o tipo de droga, as gírias, mas o modelo social de jovem era sempre parecido: geralmente negro, pobre, morador de favela, com família destruída” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Declaração de MV Bill.

<sup>2</sup> Declaração de MV Bill.

Esta realidade, paralela a freqüente disponibilidade de “vagas de trabalho” no tráfico, é o que leva crianças a se submeterem a este subemprego, promovendo a exploração daqueles que se enquadram como mão de obra barata. “Eles preferem viver pouco como ‘alguém’, do que viver a vida inteira como ‘ninguém’” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>3</sup>.

Durante os oito anos, Bill e Athayde coletaram muitos materiais nas favelas para, na sequência, refletir sobre eles. Uma destas reflexões resultou no documentário *Falcão, meninos do tráfico* (2006). E, estendendo a pesquisa feita sobre este material para outros campos do conhecimento, o presente artigo parte para uma análise linguística da realidade do tráfico por meio da visão dos *falcões*, retratada por MV Bill e Celso Athayde. Faz-se necessário perpassar pelo estudo do léxico, da semântica e, principalmente da Análise do Discurso, a fim de captar quem é o sujeito *falcão*, qual o seu papel em seu agrupamento social e, de que maneira seu discurso ocasiona influências nesta comunidade.

Primeiramente, portanto, deve-se começar pela busca da significação da lexia em questão, quando empregada dentro e fora do discurso proposto pelo documentário, a fim de verificar se, quando empregada na comunicação verbal proposta pelo filme, ela atende ao menos algum dos sentidos propostos por dicionários.

### 3 DESIGNAÇÃO FORA E DENTRO DO DISCURSO

Como se descreveria este *falcão* do *corpus* em questão? Aparentemente, não é o mesmo do conhecimento comum: uma ave de rapina. Entretanto, uma consulta a alguns dicionários pode esclarecer se já existe outra significação, mesmo que pouco conhecida, próxima do que é proposto pelo documentário para esta lexia. O Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa descreve *falcão* como

1 Nome vulgar de várias espécies de aves de rapina da família dos Falconídeos. Eram adestrados outrora para a caça. Voz: *crocitar*, *piar*, *pipiar*. 2 *Mil* Peça leve de artilharia, usada do século XV ao XVII. 3 *Heráld* Móvel de armaria que representa um falcão sobre o poleiro. (FALCÃO, 2009b)

O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa também não foge destas definições: “1 Rubrica: ornitologia. design. comum a várias aves falconiformes da fam. dos acipitrídeos, pandionídeos e falconídeos, consideradas como aves de rapina 2 Rubrica: armamento. tipo antigo de boca-de-fogo, de cano longo e pequeno calibre” (FALCÃO, 2009a).

A simples observação do título do documentário já explicita que o *falcão* trabalhado por MV Bill e Celso Athayde não se trata de um pássaro, mas de um ser humano, jovem e do sexo masculino. E, justamente com a finalidade de esclarecer àqueles que não se enquadram nesta comunidade quem são as personagens principais do filme (em uma visão de processo de comunicação), ou os sujeitos sociais (para a Análise do Discurso), que o documentarista inicia sua produção com a seguinte explicação: “Falcão é o jovem que vigia e toma conta da favela” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>4</sup>.

Para ratificar que esta é realmente uma lexia sedimentada neste grupo social, que tem sua identidade marcada no léxico, MV Bill questiona um de seus entrevistados sobre a definição de *falcão* (todas as personagens têm suas identidades preservadas, tanto por serem menores de 18 anos, quanto por estarem envolvidas com crimes): “Falcão? Para mim significa aquele que tá no tráfico noturno. Que não dorme. Parece um passarinho que não dorme à noite” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>5</sup>.

A língua é mutante e, por mais vagarosamente que este processo ocorra, atualmente ele já não é mais visto como a simples vulgarização de uma língua, mas como uma maneira de

<sup>3</sup> Declaração de MV Bill.

<sup>4</sup> Declaração de um dos falcões entrevistados no documentário (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

<sup>5</sup> Declaração de um dos falcões entrevistados no documentário (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

estudar as características linguísticas e sociais de uma comunidade. A ressemantização de lexias nada mais é do que uma forma de facilitar a expressão dentro de um grupo, a fim de suprir necessidades que o vocabulário comum não o faz. É como falar idiomáticamente, entretanto, não se referindo a um idioma propriamente, mas a uma forma de comunicação peculiar, restrita às necessidades e à realidade de um determinado grupo, como uma sublíngua. Para tanto, é necessário conhecer o contexto, conhecer os hábitos e as expressões destes indivíduos, pois só assim será possível constituir o sentido.

Uma vez que o contexto é constitutivo do sentido, abandona-se a posição que privilegia a hipótese de um sentido nuclear, mais importante hierarquicamente (literal) em relação aos outros. Não há um centro e suas margens, há só margens. Dessa forma, todos os sentidos são de direito sentidos possíveis e, em certas condições de produção, há de fato dominância de um sentido sem por isso se perder a relação com os outros (implícitos). (ORLANDI, 1988, p. 20-21)

A Análise do Discurso explica esta relatividade do sentido por meio das determinações concretizadas na ideologia. Para esta vertente, não há sentido exclusivamente atado ao texto, ou à palavra propriamente. Para a AD, quem promove o sentido ao que é dito ou escrito é a ideologia e seus sujeitos interpelados: seja ele locutor ou interlocutor, autor ou leitor. O pressuposto do qual se parte é de que os seres humanos se comunicam com a intenção de serem compreendidos e, portanto, em uma situação dialógica, devem compartilhar de lexias, contextos e formações discursivas comuns entre eles, para que o sentido seja devidamente formado. Por isso, sujeitos submetidos à mesma realidade, sob uma mesma posição ideológica, podem se compreender mais facilmente.

As mudanças nos processos discursivos e vocabulares ocorrem devido a variações sociais e históricas progressivas e, apenas os indivíduos inseridos neste contexto são capazes (em um primeiro momento) de compreender de onde surgem tais alterações, uma vez que são empregadas para suprir alguma necessidade exclusiva do grupo. É neste momento em que a interpelação do sujeito pela ideologia vigente se torna mais explícita, pois revela por meio de seu discurso as formações ideológicas a que ele se submete, mesmo que inconscientemente. “Uma palavra recebe seu sentido na relação com as outras da mesma formação discursiva e o sujeito-falante aí se reconhece” (ORLANDI, 1988, p. 58).

Esta é uma questão referente ao processamento de novas informações que, submetidas ao processo cognitivo de um indivíduo específico, o qual detenha o embasamento histórico, social e cultural suficiente, deverá promover uma resposta positiva à nova formação, já que, supostamente, ele dispõe de um *background* mínimo (e provavelmente com referências similares ao do locutor) para a assimilação. Esta compatibilidade e a consideração de um contexto específico são as características que possibilitam a criação de novas lexias.

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. (...) A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras. (BIDERMAN, 2001, p. 13)

Independente da sociedade, comunidade, ou agrupamento humano, a significação de nenhuma lexia está salva do processo de ressemantização. O discurso é submetido às condições de produção de uma ideologia e, por isso, poderá ter seus padrões modificados ou recriados. São justamente estas condições que determinam “aquilo que pode vir a constituir um novo tipo [produto] ou a reproduzir uma forma já estabelecida” (ORLANDI, 1988, p. 23). É devido a esta íntima ligação com a ideologia que o discurso produzido por diferentes posicionamentos de sujeitos ganha novas formas: são relacionamentos particulares (mas não individuais) estabelecidos com a ideologia.

Na minha convivência com o estudo da linguagem – e essa é minha especificidade – eu aprendi que as palavras não significam por si mas pelas pessoas que as falam, ou

pela posição que ocupam os que as falam. Sendo assim, os sentidos são aqueles que a gente consegue produzir no confronto do poder das diferentes falas. (ORLANDI, 1988, p. 95)

#### 4 RESSEMANTIZAÇÃO E SEDIMENTAÇÃO

A significação de uma lexia, portanto, não está na própria palavra, mas no contexto semântico em que ela se insere. E, como já foi observado anteriormente, no vocabulário do tráfico de drogas, a palavra *falcão* ganha um novo significado, que acaba legitimado pela aplicação e uso constante do vocábulo no contexto desenhado.

Portanto, no que diz respeito ao problema da significação, procura-se estabelecer como a relação que liga os sentidos às condições em que eles são produzidos é uma relação necessária, constitutiva da própria significação (Haroche, Henry & Pêcheux, 1971). Essas condições abrangem o contexto histórico-social, ideológico, a situação, os interlocutores e o objeto de discurso, de tal forma que aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos, etc. (ORLANDI, 1988, p. 85)

A lexia *falcão*, inserida no contexto do documentário, tem por si só a capacidade de expressar o que fazem e onde se encontram os *falcões* em uma escala hierárquica dentro do tráfico e da favela. Como o próprio documentarista MV Bill mencionou na gravação, os *falcões* são meninos que têm como tarefa algo semelhante com o que as aves de rapina fazem: observar do alto o movimento de tudo que acontece sob seus olhos. Neste caso, não voando, mas do alto dos morros das favelas. Suas presas, ao contrário do animal, não são animais que, mais tarde, servirão de alimento; mas policiais, que sobem os morros – teoricamente – a fim de combater o crime. A função dos *falcões* das favelas é avisar a seus superiores a chegada da polícia ou de algum outro indivíduo estranho ao local, com o objetivo de que o tráfico de drogas seja mantido.

Uma diferença visível entre o animal e o menino é que o *falcão* humano pode tornar-se presa de sua presa. Isso acontece quando são encontrados pelos policiais, os quais podem optar pela aplicação de sua força judicial e militar, prendendo o infrator; ou, como os relatos das personagens do documentário revelam, acatar o suborno do *falcão* pego, extraíndo dele dinheiro conseguido pelo tráfico, porém, sem exercer sua real função, que é a de combater a criminalidade, o que permite que o sistema continue sustentando-se desta mesma maneira cíclica: o desemprego e os baixos salários fazem com que, desde cedo, cidadãos procurem o tráfico de drogas para “empregá-los”, e a polícia – que também é mal remunerada pelo Estado –, ao invés de exercer sua real função, aceita o “arrego” (como é denominado dentro do tráfico o dinheiro pago à policiais como suborno). Desta maneira, o comércio de drogas continua atuante.

Com esta contextualização, de que forma o *falcão* consegue enxergar sua “profissão” com algum mérito? Como e por que se submeter a tamanho assujeitamento? Os *falcões* necessitam, de alguma maneira, sentirem-se inseridos no meio em que escolheram, ou viram-se obrigados a atuar devido a falta de opções e a baixa remuneração do mercado de trabalho lícito, seja ele informal ou formal. Apesar de serem eles os que estão na linha de frente de combate com a polícia e, portanto, os mais vulneráveis – inclusive porque são iniciantes na atividade (este é, hierarquicamente, o cargo mais baixo do tráfico) –, levam o nome *falcão* não apenas com o sentido, quase pejorativo, de simples observadores. Existe também uma analogia à força do animal falcão, o qual tem o poder de planar sobre os outros, um animal que tudo pode ver e é detentor de grande agilidade. Analisada por esta descrição, a lexia *falcão* pode até levar alguém a almejar tal “cargo”, por transmitir uma sensação de superioridade. Entretanto, ao deparar-se com a realidade desta função, estes jovens anseiam serem promovidos, fazendo com que a “máquina” do tráfico continue girando. “To ligado que essa vida é sem futuro por um lado, tá

ligado? Mas pelo menos aqui eu tô ganhando meu pão, mano, tô sendo mais bem tratado do que estando largado, tá ligado?” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>6</sup>.

É por meio das analogias feitas previamente, a fim de atender às necessidades do grupo e do conjunto de relações de força existente neste contexto, que o vocábulo *falcão* legitimou sua significação como *o menino que observa a favela em detrimento da preservação (e segurança) do tráfico de drogas*, já que tal definição não pode ser encontrada em dicionários ou em qualquer referência à Norma Culta da língua portuguesa do Brasil.

Para que este sentido seja reconhecido legitimamente como a literalidade do vocábulo, porém, necessitaria que ele não fosse tão restrito a uma comunidade, mas que encontrasse funções semelhantes em tantas outras, podendo fluir normalmente nos mais diversos diálogos. Mas, ao menos por enquanto, esta não é a realidade da lexia *falcão*, a qual passou pelo processo de ressemantização na comunidade do tráfico de drogas, para que fosse empregada não apenas de maneira literal, mas também suprimindo a uma necessidade particular de nomear o referido “cargos”.

Na obra *Discurso e Leitura*, Eni Orlandi explana de maneira concisa como se dá o processo de sedimentação de significados:

A sedimentação de processos de significação se faz historicamente, produzindo a institucionalização do sentido dominante. Dessa institucionalização decorre a legitimidade, e o sentido legitimado fixa-se então como centro: o sentido oficial, literal. (ORLANDI, 1988, p. 21)

Vale lembrar que, dentro desta formação discursiva há a interação de sujeitos com níveis díspares de conhecimento da língua. Outro fator de relevância é o fato de os *falcões* serem sempre meninos (jovens). Portanto, para atender às necessidades daqueles que se inserem em ambas as colocações, mostra-se necessário o emprego de vocábulos mais acessíveis (comuns) e, conseqüentemente, para a expansão vocabular, o uso de gírias e a aplicação de metáforas e analogias, como é o caso do emprego da lexia *falcão*.

Segundo Oliveira e Isquerdo (1998), o léxico está na consciência de cada indivíduo, e funciona como um acervo, acessado toda vez que necessário, de acordo com o contexto. Apesar deste saber estar alocado dentro de cada um, é por meio do compartilhamento deste conhecimento que se dão as interações e, conseqüentemente, a formação de um grupo “sócio-lingüístico-cultural” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 07), ou seja, a reunião de indivíduos com saberes e interesses semelhantes. O léxico é, portanto, o elo entre estes indivíduos e a ferramenta para que eles apreendam o exterior e, ao mesmo tempo exponham seu interior.

O estudo da língua de um povo não revela simplesmente se eles utilizam alguma regra, se a empregam de maneira errada ou certa. Suas características fazem com que as análises ultrapassem o campo lingüístico para explorar também os atos sociais desta comunidade, já que a língua, por si só, pode revelar dados da essência de uma cultura, tais como hábitos, crenças e costumes.

Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita ligação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades de mundo, define, também, fatos de cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 07)

## 5 PROCESSOS DEFINICIONAIS E DESIGNACIONAIS

Quanto à lexia *falcão* – inserida na língua portuguesa do Brasil – sabe-se que ela já existia muito antes de ser aplicada no tráfico de drogas brasileiro. Apesar de se tratar de um vocábulo que não faça parte da realidade de grande parte da população brasileira (tanto por não se referir a um animal comum em território nacional, quanto pelo fato de o tráfico de drogas não

<sup>6</sup> Declaração de um dos falcões entrevistados no documentário (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

ser um segmento legal e aberto à sociedade em geral), *falcão* é uma palavra amplamente conhecida pelo fato de promover a generalização de algumas espécies de aves.

Em referência às colocações de Oliveira e Isquerdo (1998), o conhecimento deste léxico foi o que permitiu a realização da analogia que culminou em um paradigma designacional, ou seja: o termo *falcão* já era existente no vocabulário português, porém, foi submetido a uma reformulação conceitual, a qual atendeu à necessidade dos traficantes de conceder um nome àquele que exercia a nova atividade da referida comunidade, configurando um processo semasiológico na língua, uma espécie de procedimento descritivo com a intenção de decodificar o léxico. A uma palavra já existente, aplicou-se uma nova definição semântica. Algumas significações foram extraídas do uso literal do vocábulo para serem substituídas por novos conceitos, os quais acabaram sendo acoplados a outros já existentes e que se mantiveram. Assim, pode-se dizer que a lexia *falcão*, ao passar por um processo de decodificação e ressemantização, não perdeu suas características iniciais por completo.

O inverso – paradigma definicional –, entretanto, também pode ser considerado nesta análise: é correto afirmar que se tem um novo conceito, o qual precisa ser nomeado e, a terminação encontrada para tanto não foi original, mas passou pela codificação em um termo já existente. Este é um processo onomasiológico, e tal reflexão pode ser confirmada a partir da definição concedida pelo Michaelis – *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*: “Método de pesquisa que consiste em reunir as expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção” (ONOMASIOLOGIA, 2009). Apesar de aparentar se tratar de um processo singularmente designacional, a partir do momento que não se exige originalidade no processo terminológico, *falcão* também passa a se enquadrar sob estas características.

A diferença entre a definição terminológica e a definição lexicográfica remete, portanto, a perspectivas distintas de abordagem, muito embora elas não sejam isentas: a lexicografia parte do signo para chegar à determinação do conceito (procedimento semasiológico); a terminografia parte da noção (ou conceito) e pesquisa os termos que lhe correspondem (procedimento onomasiológico). (LARA, 2004, p. 91)

Estes processos são comuns no que se trata de linguagens especializadas dentro de uma língua, já que nem todos os termos podem ser considerados neônimos.

A língua é geral, criada para ser acessada por todos (a não ser que se trate de uma língua exclusivamente escrita). Mas, conforme o indivíduo se desenvolve e se identifica dentro de uma comunidade, ali ele irá especializar sua linguagem, como meio de inserir-se e ser inserido, mas sempre manterá semelhanças à língua comum, para que desta maneira os indivíduos com interesses diferentes possam manter uma comunicação, elemento vital para a ideologia a qual todos estes agrupamentos são submetidos.

Mesmo havendo esta separação em “subcódigos” da língua, o discurso dos sujeitos que as empregam é desenrolado tão naturalmente quanto se não estivessem sendo utilizados apenas termos comuns. Para Andrade, “a língua de especialidade pode ser uma sublíngua da língua geral, dita natural, enriquecida com elementos especificadores, conceitos e noções que se expressam por intermédio de termos específicos” (ANDRADE, 1998, p. 191).

É importante reconhecer que a criação e a ressemantização de vocábulos não pode ocorrer sem o amparo de seus usuários. Para que funcionem dentro desta “sublíngua”, os termos devem ser de conhecimento geral, a fim de que, com o emprego habitual e consequente, legitimem-se pelo uso. Caso contrário, Andrade (1998) coloca que, de alguma maneira, as lexias especializadas devem ser de pleno acesso.

Em seu livro *Curso básico de terminologia*, Barros (2004) destaca o posicionamento de que a terminologia seria uma espécie de derivação da lexicologia. Para Barros, a terminologia segue além, pois aborda fatores que ultrapassam os limites da linguagem. A autora ratifica sua opinião por meio do pensamento de Alain Rey: “Em Furetière, tratava-se já de terminologia, e não somente de Lexicografia, na medida em que a ótica era extralingüística e a intenção universalizante” (REY, 1979, p. 4 apud BARROS, 2004, p. 30).

Interessa aqui ressaltar também a existência de relações de força nesta ligação entre a linguagem e a sociedade, que se impõem nas formações terminológicas e lexicológicas. Da

mesma maneira que existem relações hierárquicas de poder na sociedade, na aplicação da linguagem também há uma distinção entre aqueles que realizam os discursos, pois a sentença externada por uma autoridade se destaca sobre as demais que tentem fazê-la. O sujeito precisa ser detentor do posicionamento em que realiza seu texto para que a significação seja atendida. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno” (ORLANDI, 2005, p.39-40). Tais relações ocorrem em um plano “imaginário”, já que não é o sujeito físico que passa por tal provação, mas o sujeito ideológico.

Conclui-se, portanto, que ambos os processos, ou paradigmas (designacional e definicional), em alguns casos, podem ser acessados conjuntamente. Por isso, estudiosos vêm, através dos anos, criando novas técnicas para atender às necessidades explicativas que as línguas passam a exigir dos seres humanos, e vice versa. Destas experiências, passou-se a observar que as explicações quanto às línguas e linguagens não são tão simples e singulares quanto se colocava anteriormente. E este quadro é uma comprovação de que duas especificidades, teoricamente ambíguas, podem ser encontradas em um mesmo objeto de estudo.

## 6 O SUJEITO FALCÃO

A mesma observação pode ser feita quanto às teorizações feitas em torno do sujeito da Análise do Discurso ao longo dos anos: ele pode aparentar ser assujeitado ou até mesmo autônomo (como autor determinante de seus próprios atos). Entretanto, este “aparentar”, apenas, não é suficiente para confirmar que o indivíduo em questão, o qual se identifica como um ser social, realmente não é sujeito de uma ideologia que o conduz e o faz pensar de tal maneira.

Para Pêcheux, o sujeito do discurso não se pertence, ele se constitui “pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” (1975:228). Trata-se do fenômeno da “interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso [...] pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (ibid.), porque o sujeito é sobredeterminado por *pré-construídos* ideológicos. (“efeito Münschausen”, ibid.: 223 apud SUJEITO, 2008, p. 457)

O *falcão*, que fora tratado até agora apenas por meio da lexia que o designa, será analisado, aqui, como um sujeito da Análise do Discurso. Assim como a interpretação semântica não foi simples, pois se tornou necessária uma passagem pelo conteúdo regido pela ideologia que o envolve no contexto mencionado, a identificação das marcações que revelam os vínculos do sujeito e da linguagem no texto também não o são. É necessário estar atento às “*pistas* (Ginsburg, 1980)” (ORLANDI, 1988, p. 54) deixadas pelo autor/locutor, para ser possível identificar o posicionamento do sujeito dentro do discurso.

O tratamento semântico pelo qual passou a palavra *falcão*, ao levar em consideração apenas o *corpus* de onde ela foi extraída, já foi suficiente para demonstrar que existe um assujeitamento, o qual também está inscrito em seu próprio texto produzido. Entretanto, pelo fato de deter a capacidade de expor sua voz, o *falcão*, paralelamente, se coloca como autor: é o efeito ilusório de conversão dos papéis, provocado pela ideologia em que ele está inserido. O sujeito em questão, apesar da consciência de sua submissão a determinantes exteriores, se “auto” impõe responsabilidades e, portanto, acredita conceder autonomia a seus atos.

[...] o sujeito faz uma seleção em relação aos meios formais (produtos) que a língua oferece e que ele o faz dentro de um contexto social. O conceito de discurso desposui o sujeito falante de seu papel central para integrá-lo no funcionamento de enunciados, de textos, cujas condições de possibilidade são sistematicamente articuladas sobre formações ideológicas (MAINGUENEAU, 1976 apud ORLANDI, 1988, P. 19).

Com esta afirmação, Orlandi se apresenta como uma estudiosa contrária ao extremismo estruturalista de que o sujeito é nada mais que assujeitado. A autora posiciona seu pensamento



apenas parcialmente concordante, uma vez que não pode acreditar que a ideologia não tenha qualquer capacidade de moldar o pensamento e os atos de um ser humano a ela submetido. Entretanto, já não o vê apenas desta maneira. Para Orlandi, o sujeito não é composto apenas por atos passivos, mas passa a ser alguém que detém indícios de pró-atividade.

Esta colocação pode ser explicitada pela fala de um falcão extraída do *corpus* aqui trabalhado:

Tem alguns ‘polícia’ também que a gente compra eles. Se vai preso com alguma coisa [entorpecentes], só tá dois (políciais)<sup>7</sup>, a gente ainda conversa ou ainda dá um dinheiro, ou então dá a mercadoria ou o que tiver, arma, droga, o que tiver dá pra eles, eles “libera” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>8</sup>.

Aqui, fica evidente que, apesar de submetido a uma ideologia – de combate às drogas, armas, violência e tantos outros atos que possam ocasionar desordem social – o *falcão* exalta sua capacidade de burlar esta relação pré-estabelecida de poder, na qual ele deveria ser o assujeitado.

De um lado, a ideologia na qual o sujeito (*falcão*) está inserido – sem opção de escolha – e, do outro o seu próprio poder bélico e financeiro (suborno) que lhe permite combater a disciplina corrupta dos policiais, ou seja, ter alguma reação contra essa ideologia a qual está submetido. Por este ponto de vista, este sujeito não aparenta tamanho assujeitamento que muitas vezes lhe é concedido.

Apesar disso, pode-se considerar que o *falcão* é um elemento submisso à sua exterioridade. Tanto por seu contexto histórico, quanto social, o falcão, como descreve MV Bill, “[...] negro, pobre, morador de favela, com família destruída” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>9</sup>, é um indivíduo interpelado pela a ideologia e a ela assujeitado. Tal fato se comprova quando o documentarista, Celso Athayde, questiona um dos *falcões* entrevistados sobre o porquê de algumas crianças da favela decidir EM ingressar no sistema de crimes e outras não. Inserido no grupo das que praticam atos ilícitos, o menino responde que a diferença está no poder aquisitivo dos pais e, complementa com uma sentença que demonstra que *falcões* são exatamente o que aquelas crianças não desejariam ser: seres assujeitados à ideologia, mas com a proporção e a responsabilidade de um adulto. “Ele [a criança] nem pensa em virar o que eu sou” (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>10</sup>. E o diálogo prossegue com mais demonstrações desta interpelação:

MV Bill: – Mas às vezes você chora?

Falcão: – Não.

MV Bill: – Quando fica triste?

Falcão: – Eu não fico triste com nada. Sempre tô “se” drogando. Não penso em nada. (FALCÃO, 2006, informação verbal)<sup>11</sup>

Eni Orlandi reconhece a “determinação externa do sujeito” (ORLANDI, 1988, p. 105), apesar de ele dispor da habilidade de realizar uma determinação interna. Da mesma maneira, o filósofo Michel Foucault destaca que o discurso do sujeito tem plenas condições de revelar seu assujeitamento:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. (FOUCAULT, 2004, p. 61)

<sup>7</sup> Grifos do autor

<sup>8</sup> Declaração de um dos falcões entrevistados no documentário (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

<sup>9</sup> Declaração de MV Bill.

<sup>10</sup> Declaração de um dos falcões entrevistados no documentário (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

<sup>11</sup> Trecho de entrevista exposta no filme, entre o documentarista MV Bill e um dos falcões (todos eles tiveram suas identidades preservadas).

Assim, mantém-se a ambiguidade imposta pela atual corrente. O sujeito que há algum tempo fora nada mais do que assujeitado, começa a conquistar espaço de ação, mas ainda demonstra que não tem a independência total que o permita considerar que todo o sentido e o significado provêm dele individualmente. Até o presente momento, ainda afirma-se que o sujeito continua sendo o indivíduo interpelado por sua ideologia e, apesar de apresentar lucidez em alguns momentos quanto ao posicionamento social e histórico em que se encontra, nada consegue fazer para desvincular seus atos deles.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O assujeitamento do indivíduo *falcão* fica claro em diversos momentos: desde a significação sedimentada da lexia ressemantizada pela comunidade do tráfico de drogas utilizada para nomeá-lo, até as atitudes dos *falcões* perante seus superiores, na comunidade onde vivem, e também quanto à força do Estado, colocada em choque contra eles para efeito de controle por meio do poderio militar, o qual provoca certo temor.

Entretanto, é possível observar que este sujeito apresenta momentos de pró atividade, ou seja, ocasionados por uma determinação interna do próprio sujeito. Tal afirmação pode ser constatada no diálogo citado anteriormente, em que um *falcão* relata a inversão dos papéis sociais, quando, ao invés de o policial exercer sua função punindo aquele que infringe a lei, acaba por aceitar dinheiro ou a própria droga como suborno (não há menção se a finalidade é consumi-la ou vendê-la), rompendo com a hierarquia do poder, pressuposta pela ideologia em que ambos estão inseridos.

Tais questões são decorrentes de problemas sociais, culturais e econômicos enfrentados pela comunidade em questão, mas desta pequena delimitação diversos outros campos de estudo podem extrair questões relevantes, como esta análise lexicológica e do sujeito dos meninos *falcões*.

1. ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
2. BARROS, Lidia Almeida. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.
3. BENVENISTE, Émile. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. **Problemas da Linguística Geral II**. Campinas: Ed. Pontes, 1989. Capítulo 6, p. 93-104.
4. BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. "As ciências do léxico". In OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 13-22.
5. FALCÃO, meninos do tráfico. Direção de MV Bill e Celso Athayde. Rio de Janeiro: CUFA, 2006. 1 DVD (125 min.), color.
6. FALCÃO. In: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva; São Paulo: Universo Online, 2009a. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=FALC%C3O&stype=k>>. Acesso em: 25 mai. 2009.
7. FALCÃO. In: Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos; Universo Online, 2009b. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=falc%E3o>>. Acesso em: 25 mai. 2009.
8. FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
9. LARA, Marilda Lopez Ginez de. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documentária. **Ciência da Informação**, Brasília. Vol. 33, Nº 2, 2004. Págs. 91-96. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/search/results>>. Acesso em: 25 mai. 2009.
10. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.
11. ONOMASIOLOGIA. In: Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos; Universo Online, 2009. Disponível em:

- <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=onomasiologia>>. Acesso em: 28 mai. 2009.
12. ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
  13. ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
  14. SUJEITO. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008, p. 457.